

Texto/imagem enquanto dinamica do Ocidente.

(Para: "Cadernos Rioarte")

O presente ensaio nao pretende fornecer mais uma "explicacao" para a historia do Ocidente. Dado o numero das explicacoes disponiveis, tal empresa seria pretenciosa e redundante. Pretende apenas propor mais um farol a ser instalado por entre os ja estabelecidos que iluminam a nossa historia, afim de fazer aparecer os eventos por demais conhecidos sob luz possivelmente nova, e destarte revelar aspectos possivelmente pouco considerados. Pretende iluminar o ultimo ato da tragedia ocidental com luz penetrante, antes que a gerencia do teatro decida, com toda razao, cortar a corrente eletrica e mergulhar-nos naquela noite pos-historica na qual todas as vacas sao cinzentas.

.....

O tema deste ensaio e a contradicao entre o gesto que produz imagens e o gesto que produz textos. Ora, um gesto nao e apenas articulacao de uma "interioridade". Rebate sobre a "interioridade", e a transforma. Por exemplo: o gesto de imaginar, (de fazer imagens), exprime imaginacao, e, quanto mais imagens sao produzidas, tanto mais a imaginacao se fortalece. Ou: o gesto de escrever textos exprime conceituacao, e quanto mais se escreve, tanto mais se desenvolve a capacidade conceitual. E inversamente: se a producao de imagens cai em desuso, a imaginacao diminui, e se o ato de escrever se torna raro, a capacidade conceitual enfraquece. Isto porque a tal "interioridade" nao passa, muito provavelmente, de ponto de vista sobre gestos: "interioridade" e o gesto visto de dentro. Sugiro que as observacoes um tanto banais que acabo de formular ja formulam a dinamica da tragedia ocidental, se vista sob o angulo "texto/imagem", e que so me resta explicitar o proposto.

Para faze-lo, proponho quatro eventos cruciais na historia ocidental, eventos estes que permitem captar a "fenomenologia do espirito ocidental", (para parafrasear Hegel). As primeiras imagens, os primeiros textos, os primeiros impressos, e as primeiras fotografias. Justifico: com as primeiras imagens se articula a imaginacao, com os primeiros textos a conceituacao, com os primeiros impressos a conceituacao vai dominando a imaginacao, e com as primeiras fotografias vai surgindo imaginacao nova, com consequenciais ainda imprevisiveis. Se admitirmos tal hipotese, podemos desenhar a seguinte escala para medir os eventos: Comeca ela em Lascaux, (ha aproximadamente 20.000 anos), avanca ate os primeiros textos alfabeticos, (em torno da metade do segundo milenio a.C.), de la ate os primeiros impressos, (em torno da metade do segundo milenio d.C.), de la ate a primeira fotografia, (em torno da metade do seculo 19), para avancar e perder-se nas brumas de um futuro imprevisivel. Os trechos desiguais que destarte se formaram podem ser nomeados. O que mede entre Lascaux e os textos podera ser chamado "pre-historia", o que parte da fotografia rumo a aventura podera ser chamado "pos-historia", e o trecho central, que vai dos textos ate as fotografias, tendo os impressos como ponto central, podera ser chamado "historia no sentido exato do termo"

Procuraremos intuir o gesto que produz uma imagem, (por exemplo a do cavalo envolto de manchas azuis na parede da caverna de Peche-Merle). Trata-se de dar um

passo para traz da circunstancia, afim de poder abarca-la com a vista. Os objetos que compoem a circunstancia nao mais obstam a visao, e esta pode doravante ver as relacoes entre objetos. No entanto: de tal distancia os objetos nao mais sao alcancaveis para as maos, (deixam de ser "manifestos"), e passam a ser apenas superficies que aparecem a vista, (passam a ser "fenomenos aparentes"). Ora, tais aparências possivelmente enganosas devem ser apanhadas simbolicamente por maos portadoras de tintas. A intencao nisto e dupla: fixar visao fugaz, e tornar tal visao acessivel a outros. Imagem e visao tornada fixa e intersubjetiva. Deve ela permitir a sociedade ver as relacoes entre os objetos, (os contextos relacionais), antes que a sociedade passe a manipular os objetos, (por exemplo a cacar cavalos). Destarte vai surgir zona imaginaria entre o homem e sua circunstancia, (o "universo das imagens"), atravez da qual o homem vai estender sua mao para modificar os objetos. No entanto: dado o feed-back entre gesto e consciencia, tal zona imaginaria vai se densificando, e vai encobrendo a circunstancia emvez de revela-la. As imagens nao mais serao utilizadas na manipulacao da circunstancia, mas, inversamente: as proprias imagens serao manipuladas, na crenca que isto modificara os objetos. Imagem sera confundida com circunstancia, a imaginacao vira alucinacao, vira idolatria. O que acaba de ser dito e descricao da consciencia pre-historica, da magia.

Procuremos agora intuir o gesto que produz textos alfabeticos lineares. (Que e o gesto gracas ao qual o Ocidente escreve.) Trata-se de dar um passo para traz das imagens, afim de se libertar do fascinio alucinador que exercem. Trata-se de tornar as imagens novamente transparentes para a circunstancia que encobrem. Para tanto, um elemento pictorico, ("pictorema", "ideia"), e arrancado apos outro da superficie da imagem, afim de ser alinhado. Isto e: a superficie da imagens vai ser transposta sobre linha, afim que seu conteudo seja contado um por um, seja calculado, "ex-plicado". Isto implica que os elementos pictoricos sejam transcodificados de "ideias" em "conceitos". No inicio, os elementos arrancados da imagem nao serao modificados, (escreve-se "pictogramas"), mais tarde serao eles de mais em mais conceitualizados, (escreve-se "ideogramas", e finalmente "letras"). Ora, nao se trata apenas de rasgar a imagem, afim de a tornar transparente, (nao se trata apenas de "critica" e de "iconoclastia"). Trata-se de substituir a bidimensionalidade da imaginacao pela unidimensionalidade do pensamento conceitual, claro, distinto, e progressivo. Os conceitos alinhados segundo regras "ortograficas" vao estabelecendo relacoes de cadeia, (por exemplo as da logica, da matematica, da causalidade). Sao tais relacoes que permitem explicar, contar o conteudo das imagens. Destarte vai surgir zona conceitual entre o homem e sua imaginacao, (o "universo dos textos"), atravez da qual o homem vai poder controlar sua imaginacao para poder manipular racionalmente os objetos. No entanto: dado o feed-back entre gesto e consciencia, a zona conceitual vai se densificando, e as cadeias que ordenam os conceitos vao sendo projetadas sobre a propria circunstancia, a qual passa a ser contavel, explicavel, calculavel segundo as regras da escrita alfa-numerica, (exemplo: as ditas "leis da natureza"). Conceituacao vira textolatria. O que acaba de ser dito e descricao da consciencia historica do Ocidente;

Nao e verdade, no entanto, que com a invencao da escrita alfa-numerica a consciencia imaginistica, magica, tenha sido vencida, (ou reprimida), pela nova consciencia historica, linear, progressiva. Nao e verdade que a historia ocidental seja, ela propria, processo linear que desenvolve imagens em textos, transcodifica ideias em conceitos. Embora os primeiros letrados, (por exemplo os profetas judeus e os pre-socraticos), se tenham violentemente engajado contra imagens, considerando-as alienantes, ("pecados", "erros"), as imagens resistiam a tais ataques. Absorviam elas os textos que contra elas avancavam, e re-codificavam elas os conceitos em ideias. Na medida em que os textos iam explicando as imagens, as imagens, por sua vez, iam ilustrando os textos. A historia do Ocidente passou a ser dialectica entre texto e imagem, gracias a qual ambas as consciencias se iam fortalecendo mutuamente. A imaginacao se tornava sempre mais conceitual, e a conceituacao sempre mais imaginativa. Basta, para constatar-mos isto, ler-mos pergaminho medieval iluminado. O cristianismo, esta sintese do Ocidente, pode ser visto enquanto sintese entre texto e imagem. Enquanto historizacao de imagens pagas, e e magicizacao de conceitos historicos judeus. A sociedade ocidental se dividiu em duas camadas: a dos letrados que viviam historicamente, e a dos analfabetos que continuavam vivendo pre-historicamente. A camada iletrada fornecia a letrada as imagens a serem explicadas, e a letrada impunha sobre a iletrada os textos sagrados. O que acaba de ser dito e descricao da historia ocidental ate a invencao da imprensa.

Com tal invencao, a consciencia historica passou a dominar a sociedade toda. Os impressos baratos e acessiveis a todos, e a introducao da escola obrigatoria que e consequencia de tal inflacao de textos, ^{expulsaram} as imagens da vida quotidiana, para encerra-las em guetos cercados de aura benjaminiana do tipo "exposicao" ou "museu". As imagens destarte degradadas para se tornarem "arte" iam se tornando raras, e a capacidade imaginativa ia enfraquecendo. A sociedade ia mergulhando, sobretudo depois da Revolucao industrial, naquele cinzento que caracteriza os textos impressos preto sobre branco. Os textos, agora nao mais impedidos por imagens, podiam doravante avançar com aceleracao crescente, ao longo de suas linhas, e a consequencia sao a ciencia pura e aplicada. E outros textos, libertos do impedimento imaginistico, podiam doravante substituir-se as imagens: textolatria emvez de idolatria. A consequencia foi o dominio de ideologias, (de textos que obrigam a circunstancia a adaptar-se ao escrito), e ainda sofremos do poder assassino de tal consciencia historica barata, inflada e "democratizada". O que acaba de ser dito e descricao da consciencia ocidental moderna.

.....

Ora, segundo a hipotese aqui apresentada, tal vitoria do texto sobre a imagem e o fim da historia ocidental "sensu stricto". Os textos, desimpedidos de imagens, vao projetando doravante sua propria estrutura sobre o mundo la fora e ca dentro. O mundo la fora passa a ser inteiramente concebivel, calculavel, e inimaginavel: passa a dissolver-se em particulas, ("calculi"), e em relacoes entre particulas, ("campos"). E o mesmo ocorre com o mundo ca dentro: passa a dissolver-se em particulas do tipo "bit", "elemento de decisao" e "actoma". Passa a ser mundo vasio, e os conceitos inimaginaveis que o explicam passam a ser conceitos vasio. Fim da historia ocidental: abismo absurdo la fora e ca dentro.

Precisamente em tal ponto final da historia ocidental foi inventada a fotografia. Nao creio que se possa exagerar a importancia de tal invencao, e descreverei o gesto de fotografar para demonstra-lo. Trata-se de apertar botao que põe em movimento aparelho, o qual vai apanhar automaticamente fotons em moleculas de sais de prata, e inserir tais moleculas fotonizadas automaticamente em superficie de imagem. De forma que a fotografia nao e imagem de objetos, mas de elementos teoricamente concebidos, (moleculas, fotons), e tais elementos concebidos vao ser "imaginados", (inseridos em imagem), afim de representarem objetos. Por isto toda fotografia, se vista de perto, ("close reading"), deixa de ser imagem de objetos, e passa a ser mosaico composto de particulas e intervalos. Ora, o mesmo vale para a mesa sobre a qual estou escrevendo o presente ensaio. A mesa, ela tambem, vai se revelar, se vista de perto, enxame de particulas que flutuam no vazio. O que permite captar o proposito da fotografia: tornar imaginavel a mesa concebida. Trata-se, no gesto fotografico, de dar passo para traz dos textos, arrancar os conceitos dos quais sao compostos, e destarte re-torna-los imaginaveis. Trata-se de computar o universo calculado, (contado, concebido), de integrar os intervalos, (os diferenciais), entre os elementos, afim de poder imaginar, (dar sentido), ao abismo absurdo. A consciencia historica, linear, calculadora, deve ceder lugar a consciencia bidimensional, imaginativa, computadora. Destarte vai surgir zona imaginaria nova entre o homem e seus conceitos, (o "universo das imagens tecnicas"), a travez da qual o homem vai poder imaginar os seus conceitos. Dado o feed-back entre gesto e consciencia, o universo das imagens tecnicas, (fotos, filmes, videos, imagens sintetizadas por computador), vai se densificando, e nova capacidade de imaginar vai surgindo. O que acaba de ser dito e descricao da consciencia pos-historica emergente.

E importante distinguirmos entre a imaginacao pre-historica e a imaginacao nova. Durante a producao das imagens tradicionais o homem recua da circunstancia, afim de abarca-la com sua vista. Durante a producao das imagens tecnicas o homem recua dos seus conceitos para imagina-los. A imaginacao pre-historica e a capacidade de abstrair as duas dimensoes da superficie a partir da quadridimensionalidade do espaco-tempo ambiente. A imaginacao pos-historica e a capacidade de abstrair os conceitos zerodimensionais a partir da linearidade dos textos, e imagina-los sobre planos. Exemplo impressionante de tal capacidade e imagem computada de equacoes fractais, tal qual aparece nos monitores de computadores. Ora, tal imaginacao nova exige atitude nova perante o mundo, e perante a existencia no mundo. Embora assumamos tal atitude com frequencia crescente, ainda nao conseguimos concebe-la. Procurarei intui-la.

A consciencia linear, historica, textual projeta as regras da escrita sobre o mundo, e este vai adquirir carater textual: "matura libellum". (Como a consciencia bidimensional, pre-historica, imaginativa, projeta a estrutura da imagem sobre o mundo, e este vai adquirir carater imaginativo: "cena"). Trata-se pois, para a consciencia historica, decifrar o texto que e o mundo. E ele mundo composto de signos, (significante), e tais signos devem ser interpretados. A consciencia deve inclinar-se sobre o mundo significante, adequar-se a ele, ("adaequatio intellectus ad rem"). Este gesto de inclinacao e o da ciencia da natureza. Ora, a consciencia

emergente abandona decepcionada tal reverencia perante o mundo, porque "descobriu" que nao ha nada no mundo que possa ser decifrado. Que o mundo e composto, nao de signos, mas de particulas insignificantes que formam relacoes insignificantes. Que o aparente carater textual do mundo foi para la projetado pela consciencia humana, (e sobretudo pela ciencia da natureza). Que as ciencias nada decifram na natureza a nao ser a estrutura do seu proprio pensamento. A consciencia emergente "descobriu" que, ao termos nascido, fomos lancados em mundo absurdo. Ao abandonar a inclinacao reverencial perante o mundo, ao por-se de pe, a nova consciencia "descobre", (ou redescobre), que e o homem quem projeta significado sobre mundo absurdo, e que tal projecao, ("Sinngabung"), e a dignidade humana.

Trata-se de reversao dos vetores de significado. Os textos historicos, (tanto quanto as imagens pre-historicas), sao espelhos que captam os signos provin- dos do mundo para inerpreta-los. O mundo e o seu significado. As imagens tecnicas sao projetores que lancam signos sobre o mundo, afim de dar-le sentido. As imagens tecnicas sao o significado do mundo. Exemplo: as imagens electromagneticas captam fenomenos sem sentido, (electrons), e os codificam para que signifiquem algo, (avi- oes a serem construidos, cubos de quatro dimensoes, imagens de objetos "impossiveis") Tais novas imagens significam conceitos cujo proposito e conferir significado ao mundo. Nova antropologia comeca a cristalizar-se: o homem enquanto doador de sen- tido a si proprio e ao mundo.

Tal antropologia nova se manifesta pela nova posicao do pensamento con- ceitual na dialectica "texto-imagem". O proposito do pensamento conceitual no contexto da consciencia historica era o de criticar imagens, ao transcódicarí- deias em conceitos. Seu proposito era o de des-magicizar, des-mitizar, explicar, tornar tudo claro e distinto. O propósito do pensamento conceitual no contexto da consciencia nova e outro. E o de servir a nova imaginacao na sua tarefa de dar significado ao mundo. Exemplo: o gesto das pontas de dedos que manipulam teclas de computador sintetizador de imagens. Tais pontas de dedos manipulam conceitos claros e distintos, afim que estes sejam transcódicados em imagens. O pensamen- to conceitual, o qual, na sua origem, era iconoclastico, passa a ser atualmente preparador para o pensamento imaginativo novo. Serve, nao mais para explicar o mundo, mas para dar-le sentido.

Tal nova antropologia tera sem duvida consequencias profundas, em sua maioria imprevisiveis. Apenas um unico exemplo: A ciencia, tal forma suprema do pensamento conceitual, deixara de ser disciplina que explica, e passara a ser dis- ciplina que confere significado. O que a transformara em disciplina artistica, ja que a arte, (o pensamento imaginativo), sempre procurava conferir significado. Ora ciencia enquanto uma entre as artes obrigara repensarmos o conceitos "verdade" e "conhecimento".

Nao posso deixar de concluir este paragrafo sem chamar a atencao sobre o seguinte: Na historia ocidental o pensamento conceitual se articula sobretudo pelo codigo alfa-numerico, e o pensamento conceitual no contexto novo recorre a codigos outros, (os dos computadores). O provavel abandono do alfabeto enquanto codigo ultrapassado, (como o sao os nos incaicos), tera consequencias profundas.

Devo, finalmente, justificar o emprego do termo "pos-historia", o qual tem, inegavelmente, conotações apocalípticas, e que, portanto, pode parecer inadequado. (Escrevi, para justificar tal termo, ensaio publicado no Brasil, ("Pos-historia"), e outro publicado na Alemanha, ("Ins Universum der technischen Bilder"), de modo que posso ser resumido.) Propuz, neste ensaio, que "história" seja aquele processo graças ao qual imagens vão sendo desenvolvidas em textos, e portanto ideias vão sendo transcodificadas em conceitos. Propuz que, enquanto ocidentais dotados de consciência histórica, estamos engajados na crítica das imagens, (do "paganismo"), e na produção de explicações progressivas, (na história "sagrada" no mais amplo significado de tal termo). Ora, com a atual inversão da dialética "texto-imagem", graças a qual doravante o pensamento conceitual vai servir para a produção de imagens, tal engajamento nosso passa a ser inoperante. E é precisamente tal inoperatividade do engajamento histórico que chamei de "pos-historia" neste ensaio.

A conotação apocalíptica do conceito "pos-historia" não fica diluída, no entanto, se aceitarmos que a consciência pos-histórica vai resultar em aventuras futuras imprevisíveis. Pelo contrário, vai se acentuando. Porque as imagens técnicas, tais quais vão emergindo em torno de nós, e tais quais vão absorvendo o pensamento conceitual, crítico, vão mergulhando-nos na noite escura da imaginação emancipada da crítica disciplinada. De modo que a história ocidental toda, essa luta mais que trimilenar do conceito contra a ideia, vai se revelando atualmente comédia de erros. Comédia, no entanto, que para nós, os nela engajados, não deixa de ser trágica: as imagens novas são nossa derrota.